

IX

EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA (RE)SISTÊNCIA CONSTANTE NA INTRODUÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR NO ÂMBITO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ian de Aquino Jesus²⁴
Iris Vanessa de Sousa Silva²⁵

RESUMO

A educação sexual, junção de palavras que pode soar de maneira simples com um entendimento erradicado. Infelizmente, por falta de incentivo e um trabalho engajado está se encontra arquivada na história da educação brasileira desde o período em que se movimentou com bravura através dos defensores da época. Aparentemente pode não haver um significado ao questionar alguém a respeito do que essa pode ser ensinada dentro das salas de aula do país, porque o conhecimento é reduzido, apenas os corajosos que estão à frente do tempo poderiam responder sem constrangimentos. Os tabus e preconceitos que a envolvem são formulações criadas a partir dos movimentos culturais hereditários firmados no medo da erotização dentro do ambiente escolar e a perca da inocência da criança quando em contato com o saber. Os profissionais da educação por falta de preparação e pela má interpretação sentem-se incapazes de atender a demanda que educação sexual tende a oferecer no campo de ensino, todavia, essa se faz presente no cotidiano escolar a todo tempo, só precisa de espaço para se habilitar.

Palavras-chave: Educação Sexual. Educação brasileira. Preconceitos. Preparação.

ABSTRACT

The Sex Education, a combination of words that may sound simple with an eradicated understanding. Unfortunately, due to a lack of incentive and engaged work, it has been archived in the history of Brazilian education since the period when it moved bravely through its defenders of the time. Apparently there may be no meaning when questioning someone about what this can be taught within the classrooms of the country, because knowledge is reduced, only the brave who are ahead of time could respond without embarrassment. The taboos and prejudices that surround it are formulations created from hereditary cultural movements based on fear of eroticization within the school environment and the loss of innocence of the child when in contact with knowledge. Education professionals due to lack of preparation and misinterpretation feel unable to meet the demand that sex education tends to offer in the field of teaching, however, it is present in the school routine all the time, it just needs space to enable itself.

Keywords: Sex Education. Brazilian Education. Preconceptions. Preparation.

²⁴ Graduado em Pedagogia pela FCG. Email: ian.2013aquino@gmail.com

²⁵ Graduada em História; Graduada em Pedagogia; Especialista em Psicopedagogia Institucional; Especialista em História: Cultura Urbana e Memória; Mestra em Estado, Gobierno y Políticas Públicas. Professora da Rede Estadual de Educação da Bahia; Professora da Faculdade de Ciências Educacionais Capim Grosso (FCG). Email: iris.vanessa1989@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, desenvolvido com enfoque temático em Educação Sexual nos anos iniciais, tem como objetivo proporcionar ao acadêmico uma visão abrangente dos diferentes campos que compõem a educação, incentivando a reflexão crítica e a aquisição de conhecimentos que sustentem a defesa do ponto de vista do discente. Desde a década de 1960, a temática vem sendo discutida, embora com menor frequência atualmente, devido à falta de incentivo e à troca de gestões.

Destaca-se a gestão de Paulo Freire como secretário de Educação da cidade de São Paulo, durante a administração de Luiza Erundina, como o último gestor a desenvolver programas que incentivavam a inclusão da Educação Sexual no currículo escolar da metrópole. A temática está envolta em tabus e mitos socialmente construídos por movimentos culturais de diferentes épocas, alimentados ainda por fake news veiculadas nos meios de comunicação.

Os padrões culturais da sociedade apontam para uma desvalorização da educação sexual, frequentemente associada equivocadamente à ideologia de gênero, ao chamado “kit gay”, à apologia ao sexo e à erotização no ensino. Contudo, não se deve culpar aqueles que agem defensivamente e resistem à implementação do tema nas escolas, sobretudo pela falta de preparo dos profissionais de ensino para atuar nessa área, pela carência de diálogo comunitário e pela insuficiente veiculação de informações positivas nas mídias. No século atual, estas últimas são poderosas ferramentas que podem contribuir para a transformação dessa situação, que, de forma equivocada, foi inversa em décadas passadas.

A escolha deste tema deve-se à escassez de debates, diálogos, seminários, programas e outras formas de aprendizagem sobre o tema, tanto na vida acadêmica quanto no âmbito geral, evidenciando a necessidade constante de atualização para a vida. O público, sem especificações, necessita de tal abordagem filosófica, que envolve o cuidado com a saúde, a integridade, a moralidade e a ética — demandas essenciais a serem atendidas. Todas essas questões fazem parte do contexto que vincula a educação sexual ao ser humano em todos os momentos de vivência e regozijo. Afinal, trata-se de conhecer a si mesmo sem tabus, preconceitos ou medo da sociedade e das mazelas que esta pode impor.

O trabalho em questão reconhece a necessidade de compreender os desafios de incluir a Educação Sexual no currículo escolar, construindo sua base desde os

primeiros anos da vida estudantil. É fundamental conhecer a problemática e os desafios que a envolvem, pois, sem isso, como proceder após anos sem a prática da teoria em sala de aula? Assim, ao buscar o contexto histórico, analisar os documentos norteadores e apresentar as contribuições que o discente pode adquirir, propõe-se uma abordagem para o ensino da Educação Sexual no âmbito dos anos iniciais.

Durante essa trajetória, militantes do movimento diversificaram as práticas, todos com um único propósito: revolucionar a educação brasileira. Nesse sentido, os momentos de destaque para a Educação Sexual tiveram contrapartidas desde o período colonial, prolongando-se até a era republicana (Ribeiro, 2004). Essas fases foram marcadas por avanços e retrocessos, destacando-se o período do golpe militar, quando houve censura aos conteúdos relacionados à sexualidade humana.

Com o fim desse período, e com a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997, que incorporaram a Educação Sexual, registrada como Orientação Sexual, teve-se a publicação de um capítulo com informações técnicas para orientar os docentes em sala de aula, tornando possível o sonho dos pioneiros. Prosseguindo destemidamente, docentes colocaram em prática as teorias ali descritas, com o propósito de transformar a realidade dos alunos da época, lembrando que o surto de gravidez precoce e a transmissão do vírus HIV eram preocupantes, e as duas situações estavam em pauta. Portanto, a problemática deveria ser enfrentada não mais às sombras de uma caverna, mas sob a nova ótica da luz do conhecimento.

Ao compreender as contribuições para a vida do estudante, pais e professores perceberão que algo tão útil não pode permanecer fora dos muros das instituições de ensino do país. O contato com a Educação Sexual pode evitar problemas e situações constrangedoras para ambos os lados. Dessa forma, ao adquirir habilidades e competências para a vida em constante aprendizagem, promove-se a valorização dos bons costumes e a resistência na busca por diminuir casos alarmantes de preconceito, homofobia, desigualdade de gênero e demais formas de discriminação que possam diminuir ou menosprezar o ser humano.

2 PERCURSO HISTÓRICO, UMA (RE)SISTÊNCIA DESAFIADORA

A educação sexual, termo atribuído a este formato de ensino que contempla

aspectos importantes no desenvolvimento educacional brasileiro, embora ainda pouco difundido, carrega consigo uma longa trajetória ao longo dos períodos que marcaram a história do país. Para tanto, reportando-se à necessidade de um conceito que defina a educação sexual, a médica e sexóloga Marta Suplicy (1998, p. 54) descreve:

A educação sexual é um processo formal e informal, sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informação, erradicar tabus, preconceitos e abrir a discussão sobre emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos, cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade.

A (in)formalidade deste modo de ensino já se inscreve na linha do tempo desde a era colonial, quando o sexo pluriétnico e libidinoso, direcionado aos desejos masculinos, era um fator determinante sobre as ações das mulheres em suas atividades cotidianas. Vale ressaltar a diminuição da população indígena em virtude da crescente chegada de escravizados africanos ao litoral — especificamente, as mulheres negras passaram a integrar esse processo, substituindo as indígenas —, o que estabeleceu um padrão de comportamento sexual variado entre os séculos XVII e XVIII (ribeiro, 2004).

Diante disso, ribeiro (2004) descreve seis momentos que compõem a trajetória da educação sexual no Brasil, sendo cada fase marcada por um marco significativo, nomeado de acordo com os períodos de avanços e retrocessos educacionais relacionados à educação sexual.

I – Sexo pluriétnico libidinoso para o homem; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da igreja. II – O controle da sexualidade e das práticas sexuais silenciosas (originadas na colônia sob a normatização da moral médica). III – A veiculação da importância e necessidade da educação sexual através de livros publicados por médicos, professores e sacerdotes, cientificamente fundamentados, que visavam orientar a prática sexual dos indivíduos.

A partir do século XIX, o discurso médico-higienista passa a ser incorporado pelo Estado como estratégia para transformar os hábitos até então praticados de forma sigilosa. Nesse contexto, “a medicina higienista impõe às famílias uma educação física, moral e sexual que será responsável por várias mudanças nos costumes familiares” (costa, 1989, p. 13). Diante disso, o que antes era visto como ato pecaminoso e promíscuo passa a ser motivo de preocupação com os cuidados à saúde, em razão dos acontecimentos da época. Os médicos desse período

demonstravam preocupação com as crianças, com a educação e com a orientação familiar, buscando difundir novos ideais por meio de publicações em livros, artigos científicos e jornais (machado, 1978; costa, 1989).

Assim, o terceiro momento da educação sexual surge, de fato, com o advento do trabalho médico em articulação com professores e sacerdotes, no propósito de orientar as práticas sexuais dos indivíduos, seguindo uma corrente de pensamento de natureza coletiva.

Mais adiante, especificamente nos anos 1960, busca-se introduzir programas de “orientação sexual” em escolas da rede pública das cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Grupos de estudo foram então formados entre professores e alunos, com metodologias flexíveis, pautadas na escuta dos discentes e abertas a sugestões de temas a serem trabalhados em sala de aula. Apesar de todo o esforço pela inclusão dessa modalidade de ensino no ambiente escolar, a instauração da ditadura militar rapidamente censurou qualquer proposta voltada à educação sexual, resultando na expulsão de diretores, coordenadores e professores envolvidos com tais atividades (ribeiro, 2004, p. 21). Este período ficou conhecido como o quarto momento da educação sexual no Brasil.

Logo em 1968, uma luz ressurge, descrita com bravura por ribeiro (2004, p. 21): “[...] a deputada Júlia Steinbruck apresentou um projeto de lei propondo a introdução obrigatória da educação sexual nas escolas do país”, proposta esta que foi recusada e arquivada pela Comissão Nacional de Moral e Civismo. A intenção da deputada era que os professores adotassem uma metodologia de ensino capaz de erradicar os tabus da época, construídos com base em falsas informações propagadas pelas correntes ideológicas do conservadorismo. Posteriormente, com a eleição de Ernesto Geisel à Presidência da República, o projeto de educação sexual retorna às instituições de ensino, sendo a Prefeitura Municipal de São Paulo (1978 a 1982) e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo responsáveis por esse avanço no processo educacional de seus estudantes (ribeiro, 2004, p. 21).

2.1 Educação sexual em contexto: o currículo escolar estaria preparado junto ao corpo docente?

O Brasil recebeu, em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documento norteador para as práticas educacionais nos diversos campos de estudo,

ensino e aprendizagem. A partir desse marco, a educação sexual passou a receber um reconhecimento oficial quanto à sua importância no contexto escolar. Evidentemente, ao se buscar pelo título “educação sexual”, este não aparecerá de forma explícita, pois a área foi nomeada como “orientação sexual”. Apesar disso, a intencionalidade permanece a mesma, uma vez que a busca incessante pela melhoria da qualidade da oferta de ensino se mantém como propósito voltado ao bem-estar social do estudante.

A introdução da orientação sexual no currículo escolar já vem sendo pauta de debate e estudo desde a década de 1960. Como evidenciam os PCNs (brasil, 1997), define-se:

O trabalho de Orientação Sexual na escola se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. A Orientação Sexual aqui proposta não pretende ser diretriva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor.

A presença docente em sala de aula, em consonância com as diretrizes curriculares e a proposta de adoção desta temática, não deve, em hipótese alguma, ser confundida com qualquer tipo de ideologia. Afinal, o que se propõe à discussão refere-se às necessidades educacionais dos educandos, com vistas a uma educação sexual saudável, composta por informações essenciais ao seu desenvolvimento social. Evidentemente, essa abordagem não deve invadir o espaço da família, mas sim constituir-se como um complemento aos conhecimentos prévios, conforme estabelecem os Parâmetros Curriculares Nacionais (brasil, 1997).

A escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa.

No processo de construção do currículo, ao se analisar o contexto social de vida da comunidade, devem ser apontadas as necessidades do espaço, em especial aquelas voltadas ao que se pretende trabalhar. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (brasil, 1997): “Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de

formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado."

A educação/orientação sexual, nesse quesito, direciona-se à ênfase em questões como: igualdade de gênero, o papel de cada indivíduo na sociedade, o preconceito, a violência, a homofobia, o abuso sexual, as infecções sexualmente transmissíveis, a gravidez precoce, o desenvolvimento do corpo, entre outros temas que podem contemplar o ensino para a vida em seus diversos aspectos.

As questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. [...] É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem e devem fazer por serem homens e mulheres, e, principalmente, quais são e quais deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. O alto índice de gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e prostituição infantil, o crescimento da epidemia da Aids, a discriminação das mulheres no mercado de trabalho.

O desenvolvimento da educação/orientação sexual no campo educacional tende a expandir habilidades e competências no estudante quando em contato com as informações disseminadas pelo professor, isto é, quando tudo vai bem sucedido e o educando sente-se confortável com a apresentação sobre os temas e como ele discorre durante a aula.

Experiências bem-sucedidas com Orientação Sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula. No caso dos adolescentes, as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para tornar-se assunto de reflexão.

O professor, ao perceber as inquietações por parte dos estudantes, deve buscar uma forma de intervir, procurando compreender o contexto da fala, sem se limitar ao papel do constrangimento. Afinal, as perguntas surgem conforme as situações vivenciadas no convívio diário com outras pessoas. A partir disso, cabe-lhe agir pedagogicamente com sabedoria e, mesmo que não disponha de uma resposta imediata, manter-se firme, a fim de buscar uma solução — seja por meio do diálogo, seja por meio de uma pesquisa conjunta com os alunos —, levando em conta que este é um período da fase escolar em que as dúvidas sobre o corpo surgem com frequência.

Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada.

O docente deve buscar constantemente por formações, não se contentando apenas com respostas superficiais, pois as informações se atualizam o tempo todo. Por curiosidade, os alunos, no universo virtual, podem procurar e acabar encontrando, de maneira inadequada, imagens e vídeos que não são compatíveis com a sua faixa etária, o que pode oportunizar discursos opressores, além da criminalização do espaço escolar — realidade que, na maioria dos casos, afeta especialmente as escolas da rede pública.

2.2 Revolução: as contribuições da Educação Sexual na vida do estudante como quebra dos paradigmas sociais

A educação sexual tende a contribuir significativamente para a vida social do aluno, à medida que este entra em contato com o conhecimento adquirido tanto na escola quanto no âmbito familiar, uma vez que o trabalho entre ambos deve ser colaborativo. Os problemas sociais decorrentes da falta de informação remontam a décadas passadas e, por conta disso, crianças, adolescentes e jovens foram prejudicados pela ausência de uma base sólida para compreender a vida sexual — não no que se refere ao ato em si, mas à vivência em sociedade. Por isso, a abordagem da educação sexual torna-se tão necessária. É fundamental compreender que, ao falar sobre educação sexual, deve-se ter em mente que a sexualidade se coloca como pauta de discussão, e não se restringe à atração sexual entre pessoas.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida

Os estudantes dos anos iniciais, que compreendem do 1º ao 5º ano, já iniciam a fase das descobertas, momento em que percebem alterações em si

mesmos, como o nascimento dos primeiros pelos, o início do ciclo menstrual nas meninas, a mudança na voz, o crescimento em estatura, novos ciclos de amizade, entre outros componentes que fazem parte do ciclo de vida hormonal/sexual. A educação sexual, nesse contexto, exerce papel de suma importância, pois irá auxiliá-los na compreensão dessas situações, traduzindo o que muitas vezes é considerado como errado ou problemático em funções naturais do corpo, vivenciadas por todos. Além disso, contribui para diferenciar o que ocorre entre os gêneros, tornando o conhecimento acessível e promovendo a construção do respeito.

A finalidade do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Os PCNs descrevem as competências que o aluno deve adquirir ao final do ensino fundamental, alinhadas oportunamente ao desenvolvimento de uma sociedade justa, distante dos diversos tipos de violência presentes socialmente. Isso porque, munidos dessas competências, os indivíduos teriam uma conscientização constante, independentemente dos ambientes em que estejam inseridos. No contexto escolar, o estudante seria beneficiado ao ampliar sua capacidade de reconhecer seu espaço na sociedade, independentemente de raça, credo ou gênero. O vigor do conhecimento adquirido por meio da educação sexual pode transformar as fases da vida do estudante em seu contexto social. Nesse sentido, os PCNs (Brasil, 1997) apresentam:

- I. Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano;
- II. Compreender a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana;
- III. Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- IV. Identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos;
- V. Reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas;

- VI. Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;
- VII. Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- VIII. Agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo em ações públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/Aids;
- IX. Evitar uma gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
- X. Consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade.

Por fim, o reconhecimento de todas essas competências como fontes de conhecimento cruciais a prática da educação sexual, podem contribuir na construção social de um país, laico, democrático e de pura liberdade entre os sexos.

3 METODOLOGIA

A composição deste trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica, que, segundo Fonseca (2002, p. 31), “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas [...] sobre o tema a estudar”, no âmbito qualitativo. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, [...] o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. As informações foram reunidas por meio de obras literárias, artigos científicos e documentos norteadores da educação brasileira. A dificuldade em encontrar informações específicas sobre o significado de educação sexual, bem como obras que fundamentassem o tema escolhido e oferecessem base científica, esteve presente em todos os momentos.

A escolha desse tipo de pesquisa foi motivada pela busca por dados com maior precisão e solidez, visando a reflexão e o raciocínio crítico para a definição correta do encaminhamento específico deste trabalho, tarefa que, de fato, se mostrou difícil. Isso porque obras, como livros, não estão facilmente disponíveis na internet, restringindo-se muitas vezes à compra e à leitura prévia de poucas páginas. Apesar disso, é inegável que o que já foi obtido representa uma conquista em uma batalha que precisa ser retomada no campo educacional.

O árduo processo de coleta de informações, aliado ao aprendizado das normas da ABNT, foi constante em todas as etapas da elaboração desta pesquisa, devido às exigências necessárias e justificadas, uma vez que se trata de um

conhecimento duradouro. Ao todo, foram lidos oito artigos e dois livros, cujas referências presentes nos textos auxiliaram na busca por mais informações e no conhecimento dos autores aqui citados. De fato, houve aprendizado contínuo, já que alguns autores contemplam outras linhas de pesquisa utilizadas em momentos anteriores.

A maior dificuldade enfrentada foi encontrar uma definição clara sobre o tema, pois o material disponível na internet não apresentava fundamentação teórica, abordando-o de forma ampla e com diferentes formas de escrita, embora, evidentemente, todos ressaltassem a importância do tema e o que ele representa de fato.

É necessário destacar que o processo de escrita foi desafiador, embora não tenha tornado impossível a conclusão deste trabalho. Apesar da vontade constante de desistir, a persistência tornou possível alcançar este resultado. Durante os dias, o processo de escrever e apagar, típico desta pessoa, manifestou-se diversas vezes, pois a insatisfação e a cobrança por um vocabulário “perfeito” estiveram sempre presentes. Os objetivos e o problema passaram por modificações, assim como o corpo do texto, pois a intenção de apresentar algo diferente era proposital desde o início. Não obstante, é importante reconhecer que a desmotivação, a autossabotagem e a procrastinação foram elementos negativos que também influenciaram o cumprimento dos prazos estabelecidos pela professora. A sinceridade, nesse contexto, deve ser vista como uma libertação das correntes que impedem o avanço acadêmico.

Durante os dois últimos semestres, o sentimento de desistência prevaleceu em diversas ocasiões, permeado pelo medo da incapacidade, pela falta de motivação, pela dúvida sobre a escolha profissional e por pensamentos pessimistas. O atendimento psicopedagógico foi fundamental nessa trajetória, funcionando como um desabafo necessário diante do momento difícil vivido, que incluiu questões relacionadas à obesidade e a outros problemas psicológicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do que realmente é a educação sexual ultrapassa o entendimento convencional sobre o que seria necessário para a vida social do estudante, pois constitui um elemento-chave na construção de conhecimentos

acerca dos cuidados consigo mesmo diante das demandas desafiadoras relacionadas à sua sexualidade.

A inserção dessa temática no currículo escolar continuará sendo um tabu, na medida em que a proposta ainda é equivocadamente entendida como uma erotização da inocência da criança. Tal percepção, que não deveria prevalecer, decorre das informações equivocadas veiculadas nos meios de comunicação, entre os variados públicos sociais. Enquanto o discurso político conservador permanecer em posição defensiva, ofuscando a educação sexual e tentando transformá-la em algo ultrapassado, o retrocesso continuará a ocorrer.

Para tranquilizar a sociedade, é necessário, primeiramente, reconhecer os problemas já existentes e identificar as possíveis soluções para a redução dos danos ocasionados. As cicatrizes e feridas na educação devem ser curadas por meio das diversas formas educacionais, entre práticas e teorias. Quando se fala em educação sexual, deve-se ter em mente o impacto real que ela pode e deve exercer na vida daqueles que a recebem, enquanto mensagem de transformação e mudança.

REFERÊNCIAS

FONSECA, José. **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTIFICA**. Universidade Estadual do Ceará, 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oB5x2SChpSEC&oi=fnd&pg=PA6&ots=ORWYXsanj3&sig=EIXI-jZVBMpxnFQ9wv51OHVXcQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

GERHARDT T.E.; SILVEIRA D.T. **METODOS DE PESQUISA**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequ=1>.

SILVA, Kaline Xavier. **Educação sexual: uma ação pedagógica na escola**. Universidade Estadual da Paraíba. 2014. Disponível em:
<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4959/1/PDF%20-20Kleine%20Xavier%20Silva.pdf>.

RIBEIRO, Paulo. **SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: APRIMAÇÕES NECESSÁRIAS**, Arte e ciências, São Paulo, 2004. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=K2gni9_O-7wC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

VIDAL, Haroldo. **CRIANÇAS E SEXUALIDADE: SABERES FAZERES/PRODUZIDOS DENTRO-FORAS DAS ESCOLAS**. Vitoria ES, Cousa, 2017. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=W9YkDwAAQBAJ&newbks=0&printsec=frontcover&hl=pt-BR&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

CASSIAVILANI, T.P. ALBRECHT M. P. S. EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ANÁLISE SOBRE LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS OFICIAIS BRASILEIROS EM DIFERENTES CONTEXTOS POLÍTICOS. Universidade Federal do ABC. Santo André, SP, Brasil, 2023. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/ZbGGgt6VvqkKxjLGgcZRScv/?lang=pt&format=pdf>

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para a orientação sexual.** Brasília, MEC/SEF. Disponível em: OrientaSexual (mec.gov.br)